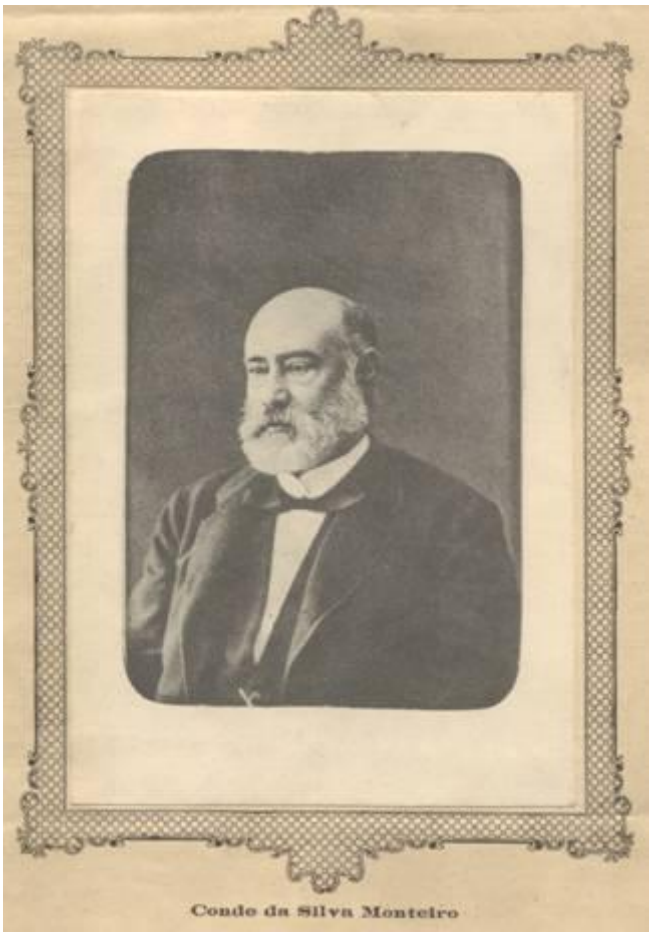
CONDE DA SILVA MONTEIRO

António da silva Monteiro



Hospital de Crianças,

António da silva Monteiro nasceu na freguesia S. Martinho de Lordelo do Ouro no Porto em 16 de Agosto de 1822 e aí morreu em Janeiro de 1885, filho de António da Silva Monteiro, negociante da praça do Porto, e de sua mulher, D. Ana Narcisa Pereira.

Embarcou para a cidade do Rio de Janeiro onde a sua actividade encontrou um largo campo para brilhantemente se afirmar. (...)

Casou no Rio de Janeiro com D. Carolina Júlia Ferreira, filha de Manuel Ferreira

Gomes, negociante português daquela praça, e de sua mulher D. Laureana Angélica da Silva.

Depois de muitos anos de permanência no Rio de Janeiro, regressou ao Porto, mas manteve sempre a importante casa daquela capital. A sua iniciativa comercial, tanto no Brasil como em Portugal, foi sempre notável e o aspecto filantrópico do seu carácter ficou marcado pelo auxílio e impulso que deu a numerosas instituições de caridade e de instrução.

Sócio duma das principais casas da cidade do Rio de Janeiro... Foi vice-presidente do senado e presidente da Associação Comercial.

O seu nome acha-se ligado à empresa do Caminho de Ferro do Porto à Povoa de Varzim e Famalicão; à tanoaria a vapor; à fábrica de Papel de Ruães; Companhia Aurífera; à companhia de Navegação a vapor; à companhia mineira e metalúrgica do Braçal; aos albergues nocturnos; à criação e sustentação de bancos.

Foi director do palácio de Cristal, fundador do Hospital de Crianças, vogal do conselho de beneficência do distrito, mesário da Santa Casa da Misericórdia, presidente da associação dos bombeiros voluntários, accionista e sócio de quase todos os estabelecimentos Bancários e grémios científicos, nomeadamente a Sociedade de Instrução.

A ele se deve, em grande parte, os trabalhos do Porto de Leixões.

O sr. Conde da Silva Monteiro faleceu no seu palacete da rua da Restauração, no ia 15 de Janeiro de 1885

Presidiu durante dois anos à Associação Comercial do Porto (1875 – 1877)

O título de Visconde foi-lhe concedido em 1871 e elevado a Conde em 1875, ambos por D. Luís.

António da Silva Monteiro, nasceu na freguesia de S. Martinho de Lordelo do Ouro e foi destinado por seus pais à nobre carreira comercial, embarcando para a cidade do Rio de Janeiro onde a sua actividade encontrou um largo campo para brilhantemente se afirmar.

Trabalhando com dedicação e inteligência naquele vasto empório do comércio, dentro de poucos anos ocupava um distinto lugar entre a colónia portuguesa do Brasil, sendo procurado para desempenhar lugares de grande importância, lugares que desempenhou sempre com toda a hombridade e zelo. Sócio duma das principais casas da cidade do Rio de Janeiro, habilíssimo nos variados assuntos em que tinha de superintender, dotado de uma inteligência que o norteava com segurança e firmeza no caminho que trilhava, conseguiu juntar, pelo esforço do seu braço, a fortuna que possuía, e que tão francamente repartia por todos que lhe imploravam o seu auxílio.

A sua probidade, aliada à deferência e à bondade com que a todos tratava, granjeou-lhe a estima e a consideração dos principais personagens do império, e não foi sem grande mágoa que o viram abandonar aquele país para regressar à pátria, que de longe lhe sorria carinhosamente.

Estabelecendo a sua residência nesta cidade, o nobre conde principiou a interessar-se tanto pelo progresso da terra a que se ufanava de pertencer, que em breve era considerado o primeiro entre os cidadãos portuenses. Assim, vemo-lo vice-presidente do senado e presidente da Associação Comercial, desempenhando com a maior hombridade estes dois elevados e espinhosos cargos.

Pronto sempre a associar-se a todas as iniciativas úteis, o seu nome acha-se ligado à empresa do Caminho de Ferro do Porto à Povoa de Varzim e Famalicão; à tanoaria a vapor; à fábrica de papel de Ruães; à Companhia Aurifícia; à companhia de navegação a vapor; à companhia mineira e metalúrgica do Braçal; aos albergues nocturnos, piedoso instituto fundado por Sua Majestade El-rei o Sr. D. Luís I; à criação e sustentação de bancos, companhias, agências e empresas de primeira ordem, associando-se a todas com verdadeiro amor e desinteresse, fomentando deste modo a riqueza desta terra trabalhadora, que muito deve à sua iniciativa e dedicação.

Foi também director do palácio de Cristal, fundador do Hospital de Crianças, vogal do conselho de beneficência do distrito, mezario da Santa Casa da Misericórdia, presidente da associação dos bombeiros

voluntários, accionista e sócio de quase todos os estabelecimentos bancários e grémios científicos, compreendendo-se entre estes a Sociedade de Instrução, a cujo conselho pertencia.

Quando se tratou do importante assunto dos melhoramentos desta cidade, o conde da Silva Monteiro apareceu à frente dos mais entusiastas. A ele, aos seus esforços, à sua actividade, ao seu bom senso prático, se devem, em grande parte, os trabalhos do porto de abrigo de Leixões, melhoramento de primeira ordem para a prosperidade desta terra.

Quando tão importante assunto se ventilava na imprensa e nos centros comerciais e as opiniões se encontravam a respeito da proficuidade daquela obra monumental, o ilustre titular escreveu no *Comércio Português* jornal que proficientemente tratou aquele assunto, diferentes artigos doutrinais expondo neles a sua opinião autorizadíssima e indicando o caminho que de preferência deveria trilhar-se para a realização de tão importante melhoramento.

Nesses artigos, que produziram entre todos os centros comerciais a mais viva impressão, afirmou o nobre conde toda a cultura do seu espírito e toda a rectidão das suas intenções, esclarecendo com argumentos seguros e considerações notavelmente aduzidas, muitos pontos importantíssimos. Na organização do sindicato Salamanca pugnou também entre os primeiros, associando-se a esse cometimento com todo o entusiasmo do seu rijo temperamento.

E se a energia do conde de Silva Monteiro se manifestava, sempre que se tratava dum melhoramento, a sua caridade não tinha limites quando era preciso socorrer a desgraça. Por ocasião da epidemia variolosa que espalhou o terror nesta cidade, o nobre titular, à frente dum grupo de cavalheiros, solicitava de porta em porta, na sua freguesia de Miragaia, esmolas para os necessitados, e essa mesma santa missão exerceu quando o rio Douro, no inverno desabrido de 1884, inundou a parte baixa da cidade. Por essa ocasião entregou valiosas esmolas ao pároco da freguesia para esse sacerdote as distribuir pelos necessitados, e não contente com isto, ia em pessoa, pelos becos e travessas onde a miséria gemia largas horas de privações, consolar os tristes e os desventurados com o alívio da esmola e o bálsamo da consolação.

Foi ainda o nobre conde o principal promotor da Associação de Beneficência da paróquia de Miragaia, percorrendo ele mesmo as ruas pedindo esmola para a realização daquele caritativo pensamento.

Conhecíamos, bem de perto, a grandeza daquela alma de justo; as linhas, suaves e meigas, da sua fisionomia simpática, traduziam claramente toda a bondade, toda a delicadeza, daquele generosíssimo coração que pulsou sempre por todas as causas justas e nobres; no seu rosto, de uma serenidade de justo, estampara Deus o sinal que concede aos homens de honra e de virtude; havia no seu trato, tão familiar, tão lhano, tão atencioso, tanta delicadeza e sinceridade, que quem falasse com o conde da Silva Monteiro sentia-se imediatamente atraído para ele.

É este o condão dos espíritos escolhidos; mover simpatias e inspirar respeitos.

Só o homem de bem pôde insinuar-se, como o extinto conde se insinuava, e tanto que à roda dele fazia-se um coro imenso de simpatias, e, quando o seu nome era invocado, não havia ninguém que o não cobrisse de aplausos e de bênçãos.

A vida do conde da Silva Monteiro constitui um belo exemplo das mais engendradas virtudes cívicas. Possuindo uma avultada fortuna, prosseguia modestamente na sua faina de negociante, despido das vanglóriass e dos orgulhos que os seus títulos podiam conceder-lhe.

Nunca deixou a sua habitual lhaneza; e, podendo deixar-se seduzir pelas pompas do mundo, conservou-se sempre o mesmo, atencioso para com todos, delicado até ao excesso, popular como poucos, rodeando-se sempre dos prestígios que essas virtudes conquistam.

Procurado para ocupar os lugares de mais importância social, escondia-se sempre atrás da sua modéstia, e não foi, sem grande repugnada, que aceitou o viscondado e a vice-presidência do senado portuense. Solicitado a aceitar o diploma de deputado, recusou essa honra, como recusara o pariato, que por diferentes vezes lhe fora oferecido. A sua modéstia excessiva obrigava-o a não sair da humildade em que queria viver; espírito culto, duma orientação clara, preferia a existência tranquila da sua casa e da sua família, e se a empresas importantes se associou, é porque o prestígio do seu nome era necessário à consolidação dessas empresas, e o seu desejo era ser útil e prestável.

Nunca recusou o seu concurso a quem o solicitasse, e é por isso que nesta cidade não há empresa nenhuma a que o seu nome não se ache ligado: — o seu nome, a sua influência e o seu capital, porque todos esses elementos o nobre conde punha à disposição de quantos os requeressem em nome dos interesses desta terra, que muito lhe deve, porque a ela se afeiçoou sinceramente, cooperando com todo

o entusiasmo da sua alma de patriota para o seu engrandecimento e progresso.

Alma, como poucas, compassiva e justa, a sua mão valedora remediava muito lar vazio e amparava muito infeliz sem arrimo.

De uma caridade toda cristã, repartia liberalmente a sua avultada fortuna com os desditosos que a miséria perseguia, de modo que a mão esquerda não soubesse os benefícios que a direita prodigalizava. Nunca os jornais deram conta dos seus actos de caridade e de amor do próximo, porque o não consentiria a sua modéstia e a sua própria caridade, porque a caridade que se apregoa não é a sublime virtude pregada por Jesus, mas sim uma ostentação vã da vaidade humana.

Eis os traços mais salientes da fisionomia moral do nobre conde a cujo retrato esta prosa serve de grosseira moldura: esboçamo-los apenas, que o pincel para traçar tão nobre figura, precisa ser empunhado por mão mais firme do que a nossa. Os lineamentos principais são esses; a história, que se incumba de o glorificar, porque foi um justo, um honesto e um bom.

"*Pode o homem ter milhões à sua disposição, sentar-se num trono e dominar, brandir uma espada e vencer; se não for honesto e útil, a campa cairá um dia sobre o seu cadáver e sobre o seu nome*".
(Confúcio)

O conde da Silva Monteiro não desapareceu nas sombras do túmulo, porque foi honesto e útil. Esta homenagem prestada no primeiro aniversário da sua morte é uma prova de que o seu nome vive no nosso respeito e na nossa gratidão.

Porto, 1885. Firmino Pereira.

Firmino Pereira *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira – Commercio e Industria (Sexto ano, Número 65). Lisboa, 1886.

Digitalização e transcrição por Isabel Ferreira Alves

Fafe, Outubro de 2008.